

## **COMIDA, MEMÓRIA E AFETO: CRIAÇÃO DE UM LIVRETO DE RECEITAS E JOGO DA MEMÓRIA COMO RESTITUIÇÃO DA PESQUISA**

**RANGEL CARRARO TOLEDO BORGES<sup>1</sup>; NICOLE WEBER BENEMANN<sup>2</sup>**

**RENATA MENASCHE<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – rangelcarraro2013@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – nikawb@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – renata.menasche@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

A pesquisa que origina este trabalho é fruto do estudo de Mestrado em Antropologia do primeiro autor, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. O campo em que se realiza a pesquisa ocorre em Campestre da Serra, Rio Grande do Sul, município situado nos Campos de Cima da Serra, em fronteira com outros localizados na Serra Gaúcha. As interlocutoras do estudo são senhoras de origem italiana, matriarcas, com idades que variam entre 80 e 93 anos.

Por meio de narrativas das interlocutoras, foi possível explorar saberes e modos de fazer comidas tradicionais da região, o que se fez necessário devido a muitos desses preparos não possuírem registro escrito, ainda que fazendo parte da alimentação local cotidiana. Cabe dizer que além de suprir as necessidades biológicas do corpo, a comida, cerne da pesquisa, marca a identidade de determinado grupo social e mantém suas tradições familiares (GIARD, 2002), sendo também capaz de reunir e unir pessoas e de reavivar memórias.

Como produto da pesquisa, foram elaborados dois materiais destinados a sua restituição às interlocutoras, suas famílias e comunidade regional: um caderno contendo receitas tradicionais, obtidas junto às interlocutoras, e um jogo da memória, que proporcionará a famílias e conhecidos o compartilhamento de memórias sobre comida.

### **2. METODOLOGIA**

Ao traduzir e recontar os acontecimentos vivenciados em campo, a etnografia se coloca como potência que revela diferentes modos de viver de uma sociedade, servindo como mediadora entre “os de dentro” e “os de fora” do campo antropológico. Por meio de um texto etnográfico, é possível redesenhar fronteiras e criar pontes entre nós e eles, o que colabora para uma pequena transformação nesses dois mundos (FONSECA, 2017).

A utilização de narrativas como técnica antropológica busca valorizar uma rede de sentidos sociais que fazem parte da história de cada interlocutora (SQUIRE, 2014). A observação participante valoriza os relatos trazidos por elas, sendo uma maneira de *fazer junto*, de experienciar o campo na prática, “uma forma de produção de conhecimento através do ser e da ação” (SHAH *et al.*, 2020, p. 378).

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os cadernos de receita compostos por escritos delas próprias e de conhecidas ou por recortes propiciaram muitas conversas. Em referência a objetos que favorecem o reavivamento de memórias e sentimentos (utensílios, fotografias, livros e outros), Jöel Candau (2004) propõe a noção de *sociotransmissores*. Segundo esse autor, um conjunto de produções e comportamentos humanos seriam evocados por objetos com cores, formas e afetividades próprias, permitindo estabelecer relação com o outro (CANDAU, 2004; BEZERRA; SERRES, 2016).

A partir da análise dos dados de campo, foi construído um acervo de cerca de 50 receitas, advindas de cadernos de receita, recortes de livros, jornais e revistas, também de folhas soltas anotadas a mão e de observações de preparos realizados pelas interlocutoras.

Posteriormente, foram selecionadas receitas consideradas emblemáticas, inseridas no cotidiano local, totalizando 31 preparos que compõem o livro de receitas produzido (Figura 1).

**Figura 1 – Livro: Receitas das Nonnas.**

Fonte: Prancha elaborada pelo autor

Para a elaboração do livro, foram estas as etapas: 1. padronização dos ingredientes, adotando medidas caseiras (xícaras, copos, colheres e pitadas); 2. revisão dos modos de preparo, adicionando instruções com base nas interações entre pesquisador e interlocutoras; 3. separação das receitas por categoria (salgados, doces e pães); 4. inserção de dados adicionais (história do município, apresentação das interlocutoras, conversão de medidas caseiras e apresentação do grupo de pesquisas); 5. produção da arte da capa e ilustrações; 6. diagramação.

Na região estudada, a construção de conhecimento culinário se dá em boa medida a partir da oralidade, sendo a maior parte das receitas transmitidas em conversas ou observações. Por meio de uma antropologia compartilhada, que propõe criar pontes e relações de afeto com as interlocutoras, buscou-se que a devolutiva fosse acessível e adaptável às necessidades do campo (GAMA, 2020). Além de entregar um livro de receitas para cada interlocutora, a partir das ilustrações que o compõem foi produzido um jogo da memória (Figura 2), cujo objetivo é unir pares de carta para, ao final de cada partida, compartilhar memórias culinárias com as demais participantes.

Figura 2 – Jogo da Memória sobre Receitas.



Fonte: Prancha elaborada pelo autor.

## 4. CONCLUSÕES

Os utensílios e equipamentos de cozinha presentes no cotidiano das interlocutoras atuam como *sociotransmissores* de seus saberes, fazeres e memórias, despertando narrativas (CANDAU, 2004). O livro de receitas e o jogo da memória produzidos pretendem também tornar-se *sociotransmissores*, constituindo-se em instrumentos de salvaguarda do saber-fazer culinário da comunidade.

Por meio do livro e do jogo, as preparações podem ser refeitas e relembradas no tempo presente, favorecendo a contação de histórias, desdobrando-se em diferentes narrativas, que acabam por acionar emoções em quem narra e em quem escuta (AMON; MENASCHE, 2008).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 13-21, 2008.

BEZERRA, Daniele Borges; SERRES, Juliane Conceição Primon. O Museu das Coisas Banais entrevista o antropólogo Jöel Candau. **Expressa Extensão**, v. 20, n. 1, p. 13-16, 2016.

CANDAU, Joël. Les processus de la mémoire partagée. **Pour**, n.181, p.118-123, 2004.

FONSECA, Cláudia. “Lá onde, cara pálida? Pensando as glórias e os limites do campo etnográfico”. **Revista Mundaú**, n. 2, 2017.

GAMA, Fabiene. A Autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário antropológico**. v. 45, n. 2, 2020.

GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 211-297.

SHAH, Alpa; ÁLVARES, Lucas Parreira; BENASSI, Giovanna; OLEGÁRIO, Antônio; LANNA, Marcos. Etnografia? Observação participante, uma práxis potencialmente revolucionária. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 12, n. 1, p. 373–392, 2020.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? **Civitas: Revista de Ciências Sociais**. Narrativas –teorias e métodos, v.14, n. 2, 2014.